



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA
DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS**

**DOMESTIC UNITS OF BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE FROM THE
XIX CENTURY: A STUDY OF TECHNICAL PROFILE AND STYLISTIC-
ARCHITECTURAL CHARACTERISTICS**

Recebido a 10 de abril de 2020

Revisto a 18 de maio de 2020

Aceite a 02 de junho de 2020

Clara Diana Figueirôa Santos

Doutoranda do Departamento de Pós-Graduação em Arqueologia – UFPE
clara.ufpe@gmail.com

Henry Sócrates Lavalle Sullasi

Professor do Departamento de Pós-Graduação em Arqueologia – UFPE
henry.lavalle@gmail.com

Resumo

Este trabalho fez uso da abordagem da Arqueologia da Arquitetura com o objetivo principal de visualizar as mudanças vivenciadas no Recife durante o século XIX refletidas nas moradias do bairro da Boa Vista por estas terem sido, na sua maior parte, construídas durante este período. Para isto foram feitos o levantamento bibliográfico a respeito das mudanças do século XIX em contexto a área estudada, constituindo a documentação das unidades construtivas estudadas, a análise estilística das fachadas e do modelo das paginações. Como resultados foram observados suas características estilístico-arquitetônicas e paginações construtivas, com foco nos tijolos e argamassas, buscando evidenciar quais foram os parâmetros tecnológicos que mais variaram conforme este século, como as variações nas larguras e espessuras dos tijolos. Estas mudanças mostraram estar associadas com a economia de matéria prima e ao maior índice de vendas. Isto posto foi demonstrado à singularidade histórica dos exemplares construtivos, os quais atualmente se encontram em estado de grave degradação estrutural, compondo conjuntos de ruínas. Esta pesquisa também contribuiu na tentativa de cessar o avanço da degradação da materialidade edificada que representa parte da identidade cultural da cidade do Recife.

Palavras-Chave: Recife, Boa Vista, Material construtivo, Arqueologia da Arquitetura, Patrimônio Histórico.

Abstract

This work made use of the Archeology of Architecture approach to visualize the changes experienced in Recife during the 19th century, mainly in the houses of the Boa Vista neighborhood, as these were, for the most part, built in the mentioned period. To achieve this objective, a bibliographic survey about the changes in the studied area/context in the 19th century was conducted, involving the documentation of the building units under study, the stylistic analysis of the architectural facades and the model of the paginations. As a result, their stylistic-architectural characteristics and constructive paginations were observed, focusing on bricks and mortars, seeking to highlight the technological parameters that varied most during the mentioned century, such as variations in the dimensions of the bricks. These changes proved to be associated with the economy and the trend of higher sales of raw materials. Having said that, the historical singularity of the constructive specimens was demonstrated, which currently are in a state of serious structural degradation, composing sets of ruins. This research also contributed to the attempt of stopping the degradation progress in the built materiality that represents part of the city of Recife cultural identity.

Keywords: Recife, Boa Vista, Constructive Materials, Archeology of Architecture, Historical Heritage.

1. Introdução

A abordagem da Arqueologia da Arquitetura encontra-se inserida no contexto da Arqueologia Histórica e trabalha diretamente com a dinâmica observada nos elementos

construtivos e estilístico-arquitetônicos e é conceituada como um estudo da edificação que busca compreender o seu contexto social e tecnológico. Nela, o edifício ou conjunto edificado, são analisados em seus materiais construtivos, técnicas construtivas e estilos arquitetônicos de forma a tentar reconstruir, registrar e analisar todos os momentos e influências culturais interligadas à sua existência (Tirello, 2007, p. 147).

Foi dentro desta perspectiva que esta pesquisa foi desenvolvida, abordando as mudanças culturais que ocorreram durante o século XIX, representadas pela substituição da manufatura pela maquinaria, pela variação dos modelos de produção em função da agilidade de confecção, da qualidade e estética dos materiais, e do surgimento dos centros de pesquisa e educação que proporcionou investigações e experimentos sobre o conhecimento de novas técnicas (Gama, 1987, pp. 48-55).

O Bairro da Boa Vista foi selecionado como objeto de estudo para este trabalho, em referência ao período construtivo, urbanístico, pelo qual passou durante o século XIX, onde obteve seu maior crescimento populacional (Cavalcani, 2009, pp. 271-272). Este bairro atualmente constitui um importante acervo cultural representante da História e da identidade do Recife, integrando parte das Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPH), as quais são áreas formadas por sítios, ruínas e conjuntos antigos de relevante expressão arquitetônica, histórica, cultural e paisagística; cuja manutenção seja necessária à preservação do patrimônio histórico-cultural do Município de acordo com a Lei Nº 16.176/96, Lei Nº 16.290/97 e Lei Nº 16.719/01 (PCR, 2015, p. 1).

Dentre os trabalhos que abordaram as unidades de moradia podemos citar um estudo sobre as migrações temporárias vinculadas ao trabalho agrícola como estratégia de reprodução social através das unidades domésticas dos trabalhadores, buscando

compreender os processos produtivos e reprodutivos da moradia neste contexto de reprodução social; a metodologia foi qualitativa permitindo compreender as práticas dos agentes a partir dos significados que lhes conferem e foi realizado de 2009 a 2013 em 21 ocupações residenciais na província de Misiones na Argentina (Albertí, 2015, pp. 1-33).

Outro exemplo similar foi à análise das moradias das famílias de baixa renda das áreas urbanas na Argentina no bairro de Don Bosco. Em pesquisas de campo no ano de 2013 foi visto que as famílias utilizavam as moradias também como um lugar para realizar atividades comerciais ou serviços para venda de alimentos e operação de pequenas oficinas de (Barreto, Benítez & Puntel, 2015, pp. 19-57). Situações semelhantes ocorreram durante o século XIX e até mesmo anteriores a este em várias cidades do Brasil, incluindo Recife, Ouro Preto, Rio de Janeiro e Salvador.

Por tanto, o objetivo principal foi visualizar as mudanças vivenciadas pelo Recife durante o século XIX nas unidades de moradia da Boa Vista, em suas características estruturais e estilístico-arquitetônicas, e sua variação tecnológica.

2. Variação tecnológica e a materialidade na arqueologia histórica

Dentro dos espaços temporais estudados na Arqueologia encontra-se o período histórico, a Arqueologia Histórica tem como objetivo buscar conhecer através da cultura material, temas que a História não consegue acessar ou detalhar, pela desconexão ou ausência de informações entre os registros documentais. Estes estudos difundiram-se de forma sistemática a partir de 1990 e atualmente, vêm discutindo temas como etnicidade, aculturação, gênero, capitalismo e paisagem, assim como também buscam desenvolver

estudos nas áreas industriais, unidades domésticas e lixeiras coletivas, ramos do cotidiano das sociedades que representam a base de um sistema social (Zarankin & Salerno, 2007, p. 18) (Gheno & Machado, 2013, p. 163).

Dentro deste viés encontra-se a abordagem da Arqueologia da Arquitetura, conceituada como o estudo da edificação de um ponto de vista arqueológico, buscando compreender o seu contexto social e tecnológico. Nela, o edifício ou conjunto edificado, é analisado em seu material construtivo e técnicas construtivas, arquitetonicamente, estilisticamente e estratigraficamente, de forma a tentar reconstruir, registrar e analisar todos os momentos e influências culturais interligadas à sua existência (Tirello, 2007, pp. 147-148).

A sua importância e os seus objetivos, estão em reconhecer e contextualizar sócio-culturalmente a evolução arquitetônica presente no edifício, a configuração e a funcionalidade dos seus diversos espaços, as mudanças ou não mudanças das técnicas e nos materiais construtivos utilizados e, quando necessário, esclarecer, comprovar ou refutar hipóteses de interpretações fornecidas por fontes documentais e/ou iconográficas. Para isso se faz uso do estudo da tecnologia, a qual é compreendida como o conhecimento científico das operações técnicas, compreendendo o estudo sistemático dos instrumentos, ferramentas, dos custos, gestos, do tempo e da energia aplicada (Gama, 1987, pp. 10-20).

A materialidade é um dos principais meios para se acessar processos e dinâmicas sócio-culturais atuantes em sociedades, uma vez que os objetos possuem o poder de materializar relações humanas a partir do fato de que tais relações produziram e reproduziram a idéia e o objeto conforme seus costumes, conhecimentos e crenças (Amaro, 2013, p. 21-22).

O modo de produção da materialidade é formado pelo trabalho que é um processo interativo entre o homem e a natureza, já a manufatura e o fabrico compõem-se das formas de atividades adequadas a um fim; da matéria a que se aplica e dos meios instrumentais de elaboração do produto, compostos por um complexo de propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas. Contudo, o que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como se faz, com que meios de trabalho; fazendo a tecnologia revelar o modo de proceder do homem para com a natureza, elucidando as condições de sua vida social e as concepções mentais que dela decorrem (Gama, 1987, pp. 208-209).

Os aspectos tipológicos e funcionais da moradia estão relacionados diretamente com os condicionantes sociais e ambientais, e definem o modo de produção e o uso dos diferentes materiais construtivos, em função dos costumes e das possibilidades materiais e econômicas dos proprietários. Os aspectos funcionais são determinantes das condições de preservação da estrutura e da relação desta com os moradores no dia-a-dia (Zorraquino, 2006, p. 5-7).

Diante destas perspectivas esta pesquisa visualiza as unidades domésticas e as demais edificações como materialidade dos meios de trabalho e das culturas que as reproduziram, as quais são definidas por estruturas de habitação, compostas por áreas de alimentação, higiene, lazer, e em alguns casos, trabalho; assim como os itens materiais e os elementos artísticos utilizados na sua construção e nestas diversas atividades; compreendendo a trajetória de aquisição, uso e descarte (Sabatini & Garate, 2017, pp. 102-103).

Quando a materialidade estudada é o material construtivo destas unidades, o estudo aborda a execução de várias funções sociais, como a dos oleiros e dos mestres da

cal, representando o trabalho e a técnica no setor de produção, os mestres de obras, os carpinteiros e os pedreiros, representando o modo de reproduzir obras e estilos arquitetônicos; e os estudiosos engenheiros e arquitetos, que representam os estudos das variáveis mecânicas e econômicas resultantes e a criação dos estilos a serem reproduzidos. A análise do registro material não só aporta a definição dos espaços domésticos, mas também a identificação das formas recorrentes de fazer em um espaço-tempo (Sabatini & Garate, 2017, pp. 102-103). Esta concepção é um indicador de integração e interação de grupos humanos em um mesmo sistema social dentro do qual se compartilham os usos, crenças e valores.

A unidade doméstica, portanto, se encontra integrada a uma paisagem social, espacial e temporal; parte de uma rede de unidades sociais entrelaçadas economicamente e culturalmente (Scattolin, Bugliani, *et al.*, 2009). Desta maneira, o entorno construído forma parte de um substrato comum que reflete a continuidade e a recorrência dos modos de habitar, construir, produzir, consumir e processar (Sabatini & Garate, 2017, pp. 102-103).

3. Contexto estilístico-arquitetônico do bairro da Boa Vista do Recife

O bairro da Boa Vista localiza-se na cidade do Recife, no estado de Pernambuco no nordeste do Brasil; e faz divisa com os bairros do Recife, Soledade, Coelhos, Ilha do Leite e Santo Amaro, conforme Figura 1, compondo parte da Região Metropolitana do Recife.



Figura 1. Localização do Bairro da Boa Vista do Recife. Fonte: (PCR, 2015)

A paisagem social no Recife começou a se alterar no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados requintados, em influências europeias, com senzalas reduzidas a quartos de criadagem, as aldeias de mocambos representando-se no surgimento de cortiços e a presença de variadas religiões (Freire, 2003, pp. 7-8).

A influência europeia nas construções do Recife e de Olinda teve momento ápice junto às investidas do Barão da Boa Vista no século XIX, com a utilização dos estuques, gradis de ferro, caixilhos envidraçados, com os chalés, e as platibandas. No entanto, elementos como os cachorros de pedra são mais característicos dos pernambucanos, sendo ainda vistos nos velhos sobrados do Recife, Boa Vista e Olinda, os mesmos cachorros que se podem ver nas litografias de F. H. Carls, desenhadas por L. Schlappritz (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 203-223).

As construções residenciais até o século XIX são diferenciadas conforme planta baixa e apresenta-se em suas variadas formas dentre elas podemos citar: as residências

do tipo bandeirista, casa térrea, casa de porta-e-janela, casa de cômodos, casa de parede-meia, casa de porão alto, casa forte, casa grande, casario, meia-morada, morada inteira, morada e meia, loja, chalé, assobradado e solar (Tavares, 1998, p. 132, p. 128, p. 383, p. 397).

Estas possuem um programa de planta baixa que consiste em uma sala na frente, uma sequência de quartos ou alcovas e uma sala íntima nos fundos. Apresenta também uma pequena escada de acesso localizada ou na própria sala de frente, ou quando o corredor chega até a rua, em um trecho do mesmo que se vai alargando ligeiramente formando um vestíbulo de entrada. Algumas casas também são utilizadas para o comércio, possuindo a sala frontal transformada em loja, que se abre para a rua, através de uma sequência de portas. Excepcionalmente, essas construções de caráter misto, residencial e comercial, são de sobrado (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 214-215), comuns no Recife e na Boa Vista.

Já os tipos de telhados comumente usados nas unidades residenciais são descritos por Santos (2019, pp. 79-83), entre eles temos os telhados do tipo: água furtada, água mestra, meia água, quatro águas e duas águas cada uma delas com formas diferentes.

Os interiores dessas casas, com exceção das salas de visitas, apresentam-se com grande simplicidade. No século XIX, a abertura dos portos para o comércio com todos os países, aflora uma imigração de várias influências estrangeiras que vêm para o Brasil com um denominador comum, o estilo chamado neoclássico, que dominava então a Europa, após o final do rococó, e que teve no imperador Napoleão I o seu principal incentivador. Essa arquitetura imperial conquistou a França difundindo-se pela Europa (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 209-211). Para entender a arquitetura neoclassicista, é

necessário compreender o grande conjunto no qual está integrada: a Arquitetura Historicista.

A Arquitetura Historicista ou *revivalista* é um conjunto de estilos arquitetônicos que objetivou reutilizar e recriar a arquitetura já utilizada antes e após o Renascimento. A fidelidade da reprodução estilística dos modelos antigos e a recriação de novas características adicionadas a estes, variou de acordo com os arquitetos de época e país de origem. Este movimento é associado à Arquitetura Eclética, a qual surgiu no mesmo período e dedicava-se a misturar estes estilos e recriar ou criar novas manifestações estéticas ou funcionais.

Esta tendência surgiu na Inglaterra no século XVIII com a reutilização do Estilo Gótico, então chamado de Neogótico; que traz de volta as características do Estilo Gótico da última fase da Idade Média em meados do século XVIII, com o surgimento do romantismo na arquitetura em uso puramente estético e representativo cultural. (Pereira, 2011, pp. 2-3). Na Boa Vista algumas destas características podem ser representadas pela unidade residencial de número 114 da Rua da Santa Cruz, conforme Figura 2.



Figura 2. Unidade residencial de número 114, Rua da Santa Cruz. Fonte: Acervo Pessoal, 2018

Em Portugal, o mesmo é aderido por volta de 1838, mas de uma forma diferente. Nesta cultura, os princípios ideológicos, baseados na simplicidade e recusa de toda a ostentação, com características próprias. O movimento é chamado de Neo-manuelino, tipicamente romântico que reutiliza o estilo Manuelino, com base no estilo Neogótico; aplicada em edifícios adaptados às necessidades do seu tempo. Recorre aos progressos técnicos surgidos com a Revolução Industrial, em nível de materiais e máquinas, usando freqüentemente estruturas metálicas, tijolo ou revestimentos cerâmicos industriais (Pereira, 2005, pp. 12-13). Os edifícios neo-manuelinos brasileiros são ligados a instituições fundadas por imigrantes portugueses; como a Mansão Henry Gibson no Recife, o mais antigo exemplar da arquitetura neo-manuelina no país, de 1847.

Assim como os estilos retratados anteriormente, o estilo neo-islâmico, também conhecido como Neo-mourisco ou Neo-árabe, teve as primeiras manifestações do estilo foram realizadas por arquitetos ingleses entre 1815 e 1822. Na Europa, muitas sinagogas foram construídas em estilos neo-islâmicos, devido à crença de que a época de dominação islâmica na Ibéria medieval correspondeu a uma idade de ouro para o Judaísmo (Lannes, 2013, pp. 41-42). Na Boa Vista, precisamente na Rua da Glória Nº 353, há a presença do Centro Islâmico do Recife mostrando desde fins do século XIX.

Já o neo-barroco, passou a ser adotado no bairro da boa vista em meados do século XIX, sobretudo a partir de 1880. Suas características são as mesmas do Barroco que é um estilo artístico surgido entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália. Sua arquitetura é caracterizada pela complexidade na construção do espaço e pela busca de efeitos impactantes e teatrais, uma preferência por plantas axiais ou centralizadas, pelo uso de contrastes entre formas convexas e côncavas, pela

exploração de efeitos dramáticos de luz e sombra, e pela integração entre a arquitetura e as artes decorativas em geral (Wolff, 2012, pp. 4-5).

A última fase do barroco, o Rococó, também é muito presente nas construções do século XIX. Algumas das características principais do Rococó são as utilizações de cores suaves e etéreas, começa-se a elaborar estudos empíricos de comodidade e estes mostram a diferenciação funcional dos cômodos; comumente relacionado com a natureza, por causa de suas formas curvilíneas e sinuosas. Outra característica marcante desse estilo é a utilização de anjos querubins pra compor a decoração (Hansen, 2016, pp. 11-13).

Assim como os demais, o estilo neo-renascença retomava as formas arquitetônicas e decorativas do Renascimento europeu dos séculos XIV, XV, XVI e princípios do XVII. As características é o uso de modelos clássicos, a busca da perfeição e da beleza, a preocupação com a proporção, formas equilibradas e harmoniosas, temas religiosos, mitológicos e da natureza, uso dos arcos, abóbodas, cúpulas e colunas; e o predomínio das linhas horizontais (Zandonaidi, 2016, pp. 22-23).

Durante a abertura portuária em 1808, inúmeros cidadãos britânicos foram fixando-se no Recife. A cidade era vista como uma destinação privilegiada dentro do país, os ingleses construíram uma edificação pública onde pudesse praticar coletivamente sua religião anglicana. Isto fez surgir na Boa Vista, um templo classicista inglês em 1838-1839, adequado à simplicidade que se desejava dar à obra, que era ditada por razões econômicas (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 209-210).

A ermida tomou como inspiração o modelo da Renascença portuguesa, e não na italiana, como era normal entre os praticantes classicistas ingleses. Lamentavelmente a igreja dos ingleses não mais existe, demolida que foi em 1940; ver Figura 19 no

contexto histórico. Ela situava-se na Rua da Aurora, na esquina com a Rua Formosa, atual Av. Conde da Boa Vista (Sousa, 1999, pp. 39-41).

Todos estes estilos contribuem para o surgimento do neoclassicismo, cujo desenvolvimento coincide com a Revolução Industrial. Esta corrente artística desenvolveu-se desde meados do século XVIII até aos inícios do século XIX, difundiu-se por todos os países ocidentais, e foi essencialmente uma reação ao Rococó (Sousa, 1999, pp. 29-30).

Para o classicismo os princípios relacionados ao racionalismo e o funcionalismo, é que conduziram a um novo ideal estético, com predileção para formas geométricas elementares, para ele a natureza era o princípio originário da arquitetura, o seu edifício ideal era definido por colunas livres, sem pilares, embasamentos e outros elementos da tradição renascentista e pós-renascentista (Silva & Castanheira, 2013, pp. 5-7).

Por outro lado, o Neoclassicismo tornou-se o estilo dos estados burgueses enriquecidos com a industrialização, a linguagem decorativa tornou-se mais rica e expressiva; no entanto, os princípios básicos da tradição neoclássica resumem-se em: lógica, técnica construtiva, e uso racional de materiais relativos à sua função, o neoclassicismo se disseminou no Brasil mais rapidamente durante o século XIX, e foi institucionalizado com a chegada da Missão Artística Francesa e com a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, sistematizando o ensino no modelo conhecido como Academismo (Marcelo, 2007, pp. 7-10).

A aglomeração urbana recifense desenvolveu uma variante desta linguagem estavam presentes as características básicas definidoras da identidade do estilo, como a preferência por volumetrias quase geométricas, definidas por paredes sem saliências, reentrâncias e sombras pronunciadas; e por fachadas resultantes do arranjo regular e

repetitivo, sobre tais paredes, das saliências provenientes do vocabulário classicista, como cercaduras de vãos, pilastras, entablamentos, cornijas, faixas horizontais, etc.; no entanto sem impedir que peculiaridades importantes viessem a diferenciar uma da outra (Sousa, 1999, pp. 109-159).

O classicismo recifense optou por uma abordagem próxima do racionalismo preconizado pelos franceses; em especial por J.N.L. Durand, no início do século, que teria aceitação limitada na Europa durante a maior parte do século XVIII, mas que se imporia no século XX, alicerçando a ideologia da arquitetura funcionalista. A opção adotada reduziu-se na severidade formal, na movimentação volumétrica como meio de se criar a beleza, na geometrização da composição e na adoção de um repertório classicista restrito a elementos de maior sobriedade. Essa abordagem chegou a produzir alguns edifícios que renunciaram até certo ponto, a estética da arquitetura moderna (Sousa, 1999, pp. 76-77).

Situação diferente verificava-se na produção de edificações residenciais, muitas havendo sido erigidas na cidade durante as duas primeiras décadas consideradas. Só nos anos de 1830 é que o estilo moderno que o classicismo corporificava e isto aconteceu não numa edificação governamental, mas numa residência particular, ainda que um tipo especial, por destinar-se a uma importante personalidade pública: o bispo. Foram as obras de ampliação do Palácio Episcopal da Soledade, construção setecentista, começadas logo no princípio da década, que marcaram o início da história do classicismo arquitetônico no Recife imperial (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 203-205).

É em 1840 que inicia a aplicação deste estilo em obras públicas com a chegada de Louis Léger Vauthier com a ideia norteadora da concepção volumétrica evitando o

etnocentrismo, preferindo mesclar influências francesas, italianas e luso-brasileiras (Sousa, 1999, pp. 61-62).

É na escolha dos materiais que está o grande peso na definição da aparência do edifício. A fórmula tradicional das paredes rebocadas e pintadas envolvidas por saliências feitas em pedra aparelhada ou em massa foi adotada juntamente com a prática de importar de Lisboa a cantaria em *lioz*.

Nos seis anos em que Vauthier permanece no Brasil, dedicou-se a engenharia e a arquitetura, encarregando-se de atividades variadas, como a construção de pontes e estradas, o levantamento de uma planta da cidade e a elaboração de estudos sobre o porto do Recife. Ele projetou para o futuro Conde da Boa Vista, um sobrado de andar, situado à Rua da Aurora cuja fachada para a rua era encimada, de um canto para o outro por um frontão triangular e tinha cinco vãos em cada piso, os do primeiro andar abrindo-se para sacadas (Sousa, 1999, pp. 62-63).

No exterior, a grande modificação feita foi um crescimento da volumetria, provocado pela ampliação do espaço interno. O corpo principal dos edifícios teve a altura aumentada em cerca de três metros e o comprimento em oito metros. Outra modificação importante foi o uso de telhas de barro na cobertura, mais adaptadas ao clima e às tradições estéticas locais em substituição à lousa. Alterou-se também o tratamento cromático das paredes externas, antes pintadas numa só cor, adotando-se o todo de duas cores, que contrasta as saliências lineares com as superfícies por elas emolduradas (Sousa, 1999, p. 64).

Essas tendências foram adotadas e difundidas ainda mais por José Mamede Alves Ferreira, engenheiro pernambucano que nos anos que se seguiram à partida de

Vauthier, produziu a mais importante contribuição dada pelo classicismo ao Recife imperial.

As obras de Mamede são de natureza classicista, e está representada em três edificações públicas: o hospital Pedro II, a Casa de Detenção e o Ginásio Pernambucano. Nota-se a opção do arquiteto por volumes de contornos claros e precisos e feição quase geométrica, possibilitada pela parcimônia acentuada de saliências pronunciadas nas superfícies formadoras do invólucro arquitetônico, que nos três edifícios limitavam-se praticamente a duas portadas clássicas centrais. Do outro lado, fica evidenciada uma preferência pelas volumetrias movimentadas, obtidas ora com a decomposição de massa edificada em blocos articulados (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 223-225).

Na arquitetura residencial, o classicismo imperial recifense popularizou-se, através de um emprego em larga escala facilitado pelo acentuado crescimento da cidade; permitindo que ele viesse a alterar e marcar a fisionomia urbana do Recife. Com a adoção do classicismo, as casas passaram a exibir certo nível de refinamento, um novo tratamento passou a ser dado ao telhado, cujas extremidades horizontais foram escondidas por platibandas cheias e cujas bordas inclinadas foram recuadas, deixando à mostra a espessura da empena, ou foram encobertas por uma saliência acrescentada ao topo desta (Santos, 2019, p. 88-89).

Por fim, a Arquitetura Eclética refere-se a um período de transição da arquitetura predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX. O ecletismo é a mistura de estilos arquitetônicos anteriormente descritos para a criação de uma nova linguagem. Além do uso e mistura de estilos estéticos históricos, a arquitetura

eclética, de maneira geral, se caracterizou pela simetria, busca de grandiosidade, rigorosa hierarquização dos espaços internos e riqueza decorativa (Fabris, 1993, p. 137).

Com todos estes dados, constrói-se base para caracterização das unidades domésticas do bairro da Boa Vista do Recife, e para percepção da variação nos seus componentes construtivos.

4. Objeto de Estudo

O objeto de estudo deste trabalho são as unidades domésticas localizadas no bairro da Boa Vista nas ruas da Glória, Alegria, São Gonçalo, Santa Cruz e Rua Velha, as quais são pioneiras no desenvolvimento urbano deste bairro (Cavalcani, 2009, pp. 277-281). Estas unidades estão descritas na tabela 1 e sua localização pode ser vista na Figura 3.

Tabela 1.
Identificação de cada uma das moradias documentadas e analisadas neste trabalho.

Unidade doméstica	Localização
UD 1	Rua Velha, Nº 34
UD 2	Rua da Glória, Nº 187
UD 3	Rua da Glória, Nº 189
UD 4	Rua da Alegria, Nº 170
UD 5	Rua de São Gonçalo, Nº 34
UD 6	Rua da Santa Cruz, Nº 92
UD 7	Rua da Santa Cruz, Nº 100

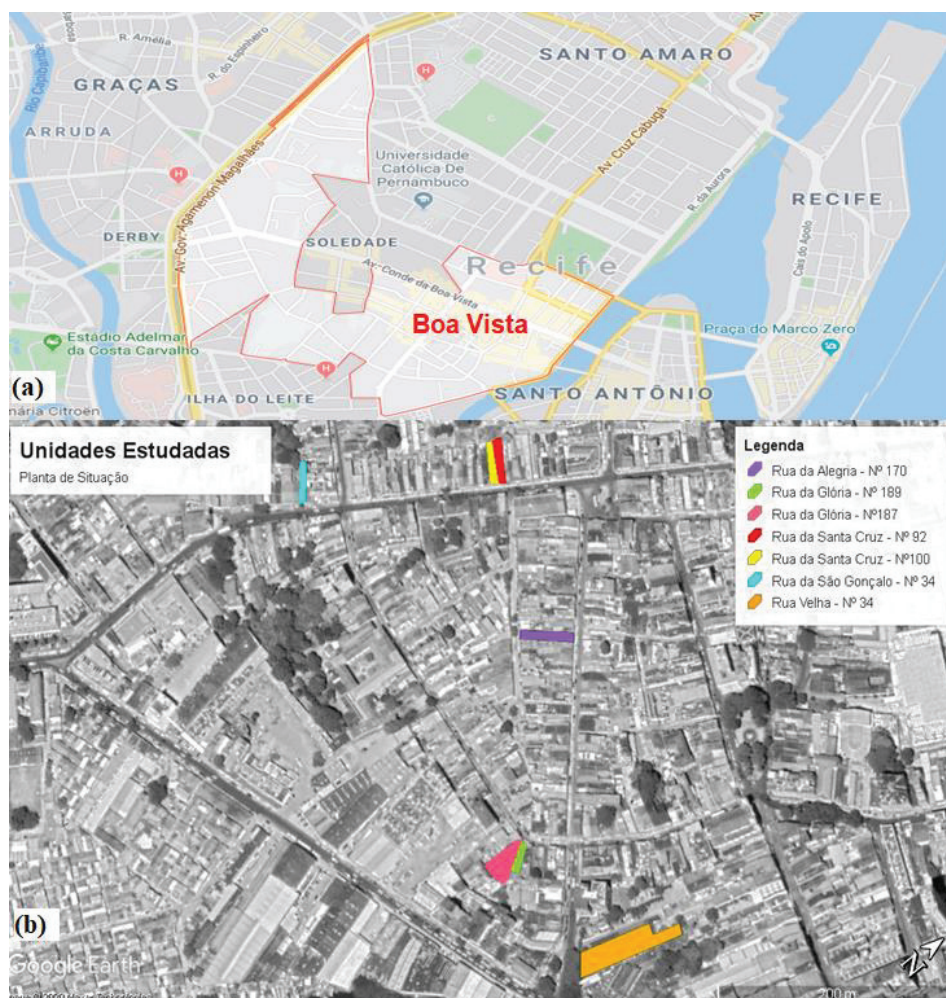


Figura 3. Localização do Bairro Boa Vista (a) e a distribuição das unidades de moradias dentro das ruas do Bairro Boa Vista. Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Para o estudo destas unidades, foram realizadas as seguintes etapas:

- Foram elaboradas plantas de situação, locação, cobertas e plantas baixas,
- Foram observadas suas feições estilísticas,
- Foram observadas, também, suas paginações construtivas.

5. Resultados da documentação e análises das unidades domésticas do bairro de Boa Vista

5.1. Unidade de moradia 01: Rua Velha, Nº 34

Esta unidade está alocada junto à atual Ponte Velha. As coordenadas desta correspondem por $8^{\circ} 3'52.67''S$ e $34^{\circ}53'6.27''O$, Datum WGS84. Em uma primeira etapa foi possível observar uma feição de chalé, com telhados de duas águas, amplos beirais e implantação em centro de terreno com empena voltada para via pública. Em sua fachada foi visto a presença de venezianas nas janelas, do tipo móvel, relacionada ao modelo a francesa, muito usada aos finais do século XIX (Tavares, 1998, p. 408) conforme Figura 4a.

Seus ornatos são representados em molduras de argamassa nas portas e janelas, além de motivos florais e geométricos, ambos apenas expostos no pavimento superior. Em toda área interna, a morada contém pinturas policromáticas em motivos classicistas.

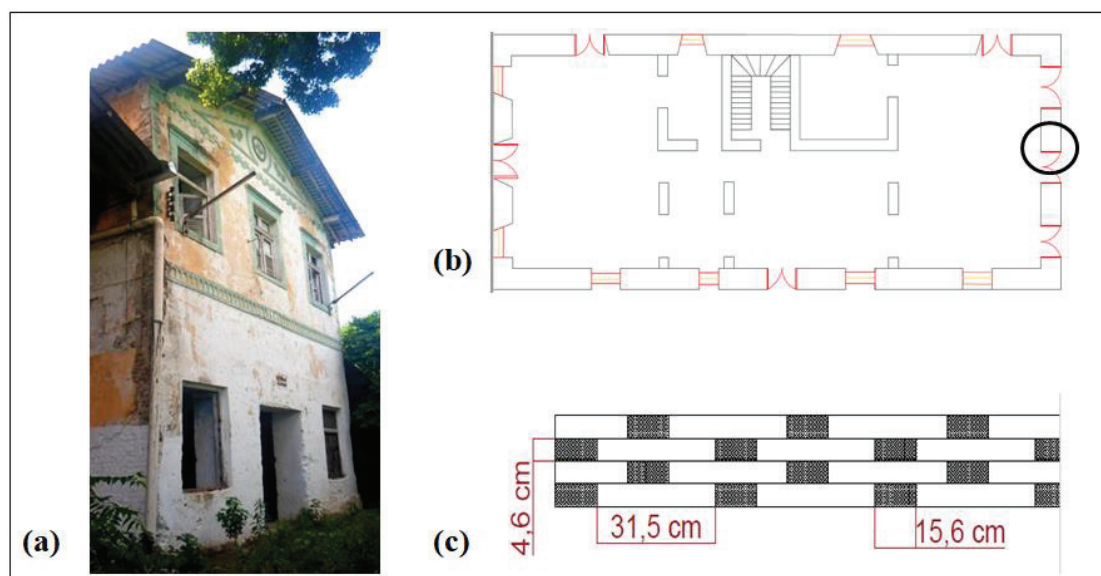


Figura 4. (a) Unidade de moradia 01: Rua Velha, Nº34. (b) Planta do pavimento térreo da unidade. (c) Paginação da área de coleta. Fonte: (a) DPPC 2015; (b) e (c) Arquivo pessoal, 2019

Sua planta baixa é similar ao modelo de morada inteira (Tavares, 1998, p. 397) conforme se observa na Figura 2b, a paginação da parede de coleta se apresenta em aparelho de tipo flamengo, comumente utilizado entre o século XVIII e o XX, como composta por fiadas alternadas de um tijolo *header*¹, seguido de dois *stretcher*², com amarração em cruz, conforme Figura 2c, caracterizando uma parede dupla, cuja espessura compreende a duas vezes a largura dos tijolos.

Recentemente, esta unidade recebeu intervenção de restauro parcial direcionado pela Diretoria de Preservação do Patrimônio Construído. Em 2017 foi dado início as obras, as quais foram finalizadas em setembro de 2018.

5.2. Unidades de moradia 02 e 03: Rua da Glória, Nº 187 e 189

As unidades 02 e 03 foram abordadas juntas, por situarem-se uma ao lado da outra e formarem parte de um mesmo complexo estrutural, conforme figura 4. A unidade Nº 187 possui coordenadas 8° 3'49.92"S e 34°53'10.73"O, e a unidade Nº 189 8° 3'49.92"S e 34°53'10.73"O Datum WGS84. A fotografia utilizada para descrição da fachada é do ano 2000 porque no ano de 2016, quando este projeto estava sendo desenvolvido, ocorreu o desabamento da unidade 03 de Nº189.

¹ Nomeação portuguesa para o tijolo assentado de forma que seu comprimento seja a largura total da parede; esta posição também é chamada “header” pelos britânicos (Segurado, 1945, p. 40).

² Nomeação para o tijolo na posição horizontal, de modo que a sua largura seja correspondente a largura total ou parcial da parede (Tavares, 1998, p. 435).

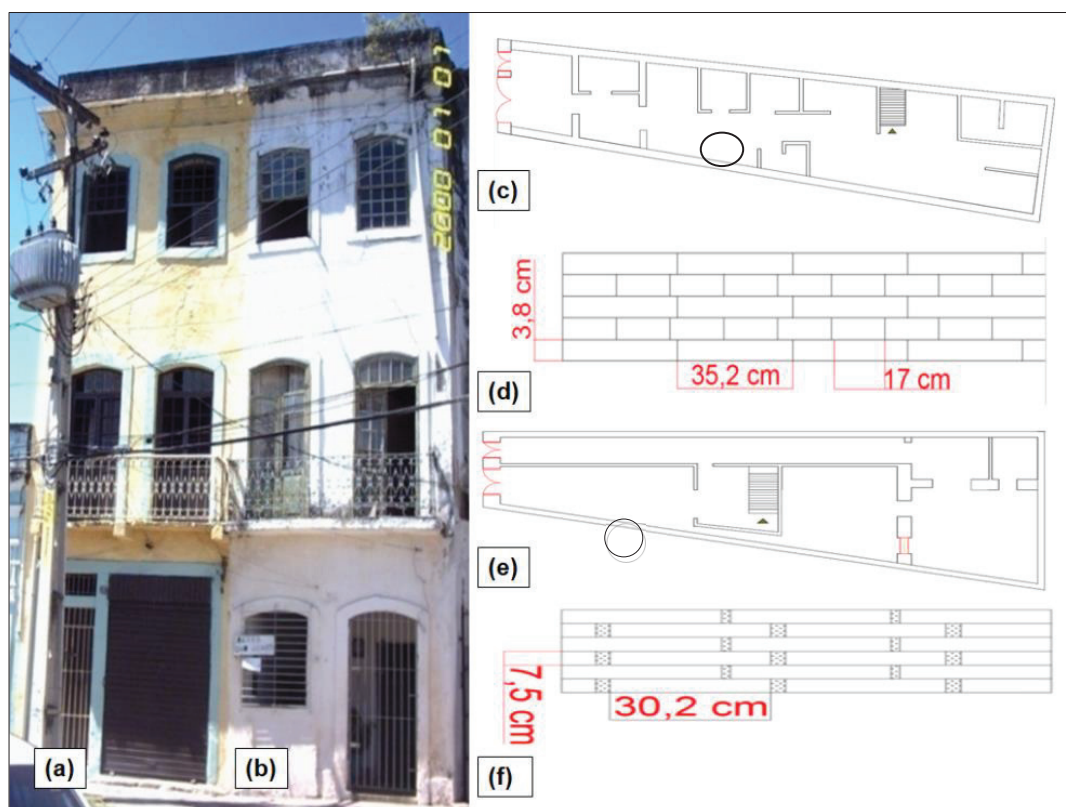


Figura 5. Unidade de moradia 02 e 03:(a) Rua da Glória, N°187e (b) N°189; (c) Planta baixa do pavimento térreo de coleta da unidade 02; (d) Paginação da área de coleta da unidade 02; (e) Planta baixa do pavimento térreo de coleta da unidade 03; (d) Paginação da área de coleta da unidade 03. Fonte: DPPC – Recife, 2000

A unidade 02 de N° 187 apresenta um modelo assobradado e telhado de duas águas. Sua fachada apresenta janelas venezianas e janelas de púlpito com parapeito de gradil apoiado em cachorros de madeira além duas portas em tamanhos regulares no térreo simbolizando a possibilidade de comércio no local, comumente encontrado em construções deste período. A fachada contém ainda a presença de *sanca* que são peças do madeiramento do telhado que se apoiam na espessura da parede, elemento muito utilizado no século XVII e XVIII no Brasil, além de platibanda que substitui a função da *sanca* vindo na segunda metade do século XIX. Sua planta baixa apresentou característica porta e janela (Tavares, 1998, p. 130) conforme Figura 5.

Devido ao desabamento da unidade 03 no ano 2000, a coleta do material construtivo a ser estudado desta unidade foi realizada na parede de meação entre as duas unidades, de modo a facilitar a coleta diante do risco de desabamento da unidade 02. Esta parede possui paginação em aparelho inglês com uma amarração em cruz, muito usada até o final do século XIX (Telles & Pinto et al., 1975, pp. 173-177) ver Figura 5.

A unidade 03 de N° 189 também em modelo assobradado difere da unidade 02 apenas na presença de janelas de guilhotina composta por duas folhas articuladas por um movimento correção vertical, comumente formado por caixilhos envidraçados, não permitindo a abertura total do vão, introduzida regularmente na arquitetura brasileira no início do século XIX (Tavares, 1998, p. 320), assim como na presença de porta e janela no térreo e na ausência de cachorros. Sua planta baixa é característica de porta e janela associada à planta de meia morada. A paginação encontrada na parede de coleta foi de modelo isódoma, com amarração em cruz, conforme a Figura 3, muito comum entre os séculos XVI ao XVIII.

Ambas as unidades apresentam no segundo piso janelas de púlpito e gradis de ferro, referenciando o início do século XIX, que contextualiza a chegada das fundições como a Fundação d'Aurora, do grupo inglês Harrington&Starr em 1836, situada nas proximidades durante este período. Por fim, ambos os sobrados apresentaram condições de terem sido edificadas no início do século XIX, e ao decorrer do mesmo foi se adaptando as novas medidas arquitetônicas, como as platibandas e os gradis de ferro. Atualmente, estas unidades encontram-se interditadas pela Defesa Civil do Recife em situação de ruína.

5.3. Unidade de moradia 04: Rua da Alegria – N° 170

Esta unidade possui coordenadas 8°3'47.88"S / 34°53'14.66"O Datum WGSS84, também possuidora de modelo assobradado, apresenta fachada composta por porta e janelas estreitas, não emolduradas, de modelo veneziana, referenciando a segunda metade do século XIX, conforme Figura 6. Esta unidade também possui platibanda em pedra arenítica, demonstrando o alto custo da construção, uma vez que os elementos cerâmicos como os tijolos, eram mais baratos que as pedras no Recife (Zorraquino, 2006, p. 20-21) e *sanca*, diferindo apenas por possuir esta também como divisória do entre o primeiro piso e o térreo, podendo simbolizar dois momentos construtivos (Tavares, 1998, p. 557). Como decoração apresentou motivos florais e cartela em massa argamassada abaixo dos peitoris de madeira, simbolizando de forma simples os estilos neoclássicos e o eclético muito característico do Recife durante os meados do século XIX.

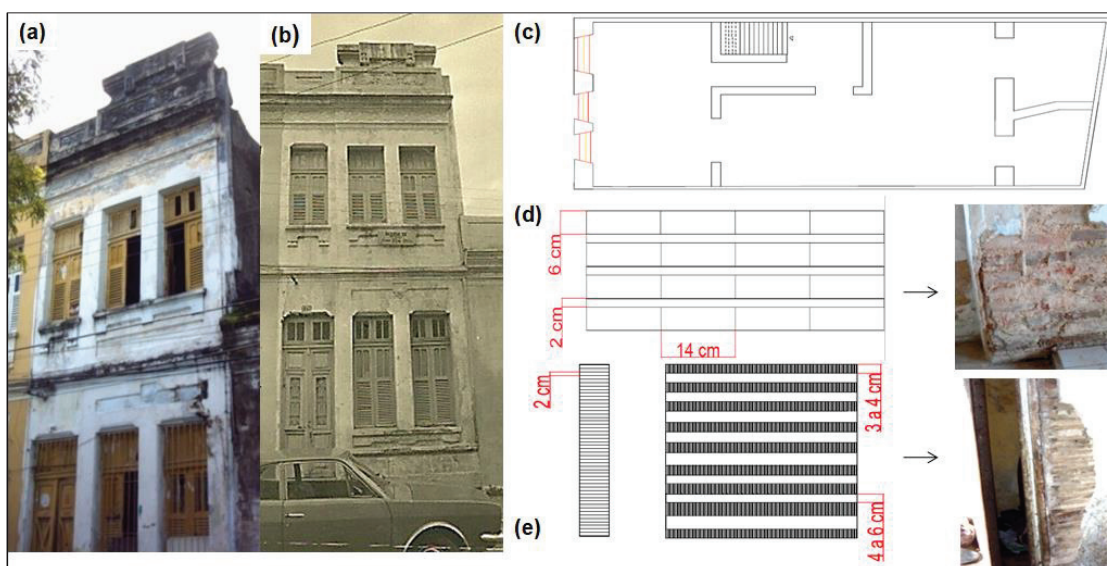


Figura 6. Unidade de moradia 04: Rua da Alegria, N°170; (b) Unidade 04 em 1970; (c) Planta do pavimento térreo da unidade; (d) Paginação de alvenaria de tijolos das paredes mestras; (e) Paginação de taipa. Fonte: Arquivo pessoal, 2019. DPPC – Recife, 2018

A planta baixa segue parcialmente o modelo de meia morada, conforme Figura 6 e uma cobertura de duas águas. As paginações encontradas nesta unidade foram duas: uma em alvenaria de tijolo localizada nas paredes mestras, na qual foi realizada a coleta conforme demarcado letra (c) na Figura 6, composta por fiadas de tijolos *header*, simbolizando um aparelho reticulado, cuja espessura da parede é duas vezes a largura dos tijolos compondo então uma parede dupla; e outra em taipa diferenciada em dois tipos para as paredes internas, um tipo mais fino composto apenas de ripas de madeira uma sobre a outra, entrepostas por uma fina camada de argamassa, conforme descrito como parede de meia vez; e outro tipo duplicado, composto por duas colunas de ripas de madeira entrepostas por uma grossa camada de argamassa, conforme descrito como parede a francesa (Tavares, 1998, p. 336).

Portanto a UD 04 apresenta condições de ter sido edificada até o início do século XIX, e posteriormente ter sofrido as alterações implícitas aos novos modelos arquitetônicos. Sua estrutura encontra-se em estado de ruína, também interdita pela Defesa Civil do Recife.

5.4. Unidade de moradia 05: Rua de São Gonçalo – N°3

A unidade possui coordenadas 8° 3'50.57"S/34°53'21.44"O DatumWGSS84. Trata-se de uma casa térrea, com fachada rica em azulejos policromáticos demonstrando a riqueza decorativa do estilo classicista no Recife, além do seu valor social, conforme a Figura 7^a, 7b e 7c. Sua planta baixa condiciona-se atualmente em meia-morada, conforme Figura 7d (Tavares, 1998, p. 383).

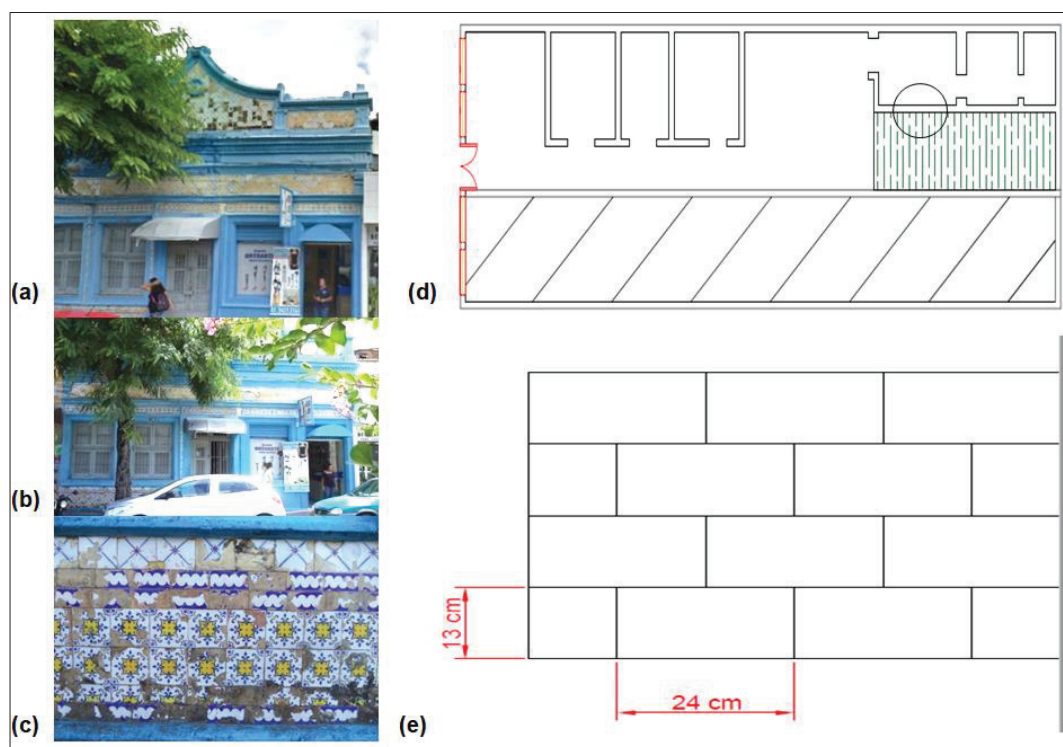


Figura 7. (a) e (b) Unidade de moradia 05 - Rua de São Gonçalo, N°34; (c) Azulejos policomáticos da fachada; (d) Planta Baixa, área hachurada em verde corresponde ao quintal e a área hachurada em linhas paralelas na diagonal corresponde à outra metade da morada que se tornou outra unidade; (e) Vetorização da paginação construtiva da unidade. Fonte: Arquivo pessoal, 2019

A paginação foi observada na zona mais desgastada da casa, sem reboco, na abertura para o quintal, sob a qual foi possível identificar um modelo isódomo, com amarração em cruz, já identificado anteriormente na unidade 03. Este modelo tem seu auge construtivo até o século XVIII, e está disposto também na Figura 7. Com isso, conclui-se que esta unidade, bastante preservada, apresenta a possibilidade de ter sido edificada no início do século XIX, com seu estilo classicista, transpassando valores sociais e econômicos da época.

5.5. Unidades de moradia 06 e 07: Rua da Santa Cruz – N° 92 e 100

Estas unidades foram estudadas em conjunto pelo mesmo motivo apresentado nas unidades 02 e 03 e possuem coordenadas $8^{\circ} 3'45.95''S$ e $34^{\circ}53'18.58''O$ para UD 06 e $8^{\circ} 3'45.74''S$ e $34^{\circ}53'18.44''O$ para UD 07. Ambas as unidades são construções térreas e integram uma mesma construção e são interligadas pelo mesmo terreno e um portão central, conforme Figura 8.

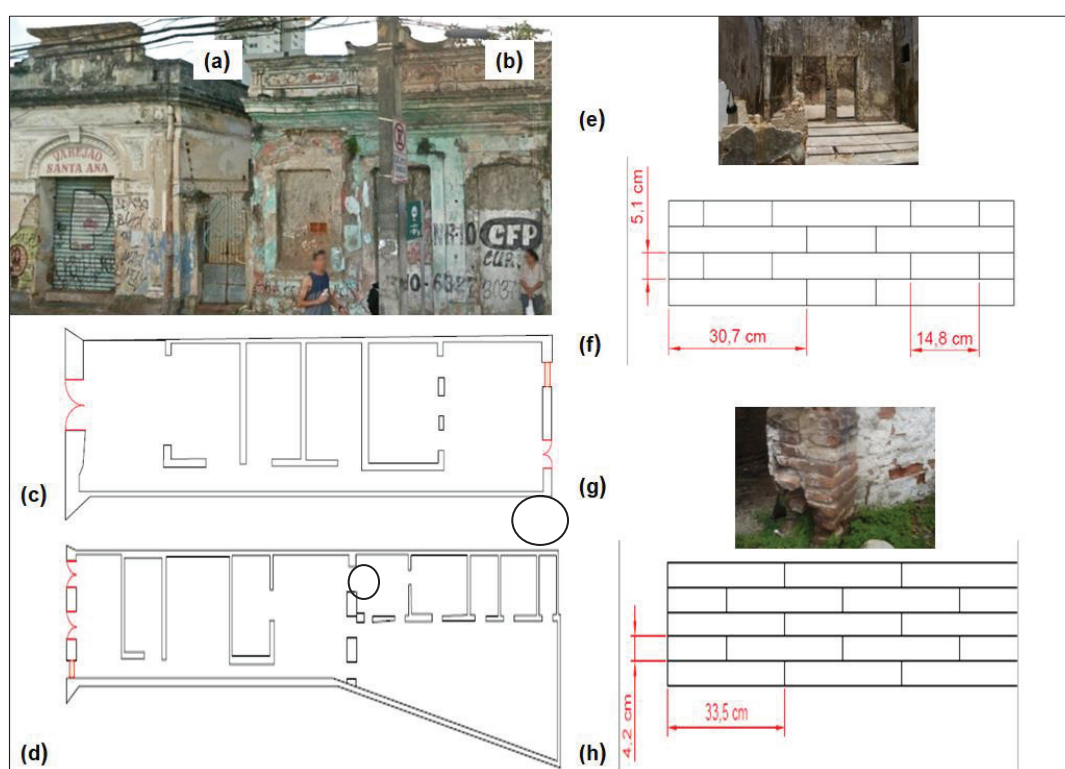


Figura 8. (a) e (b) Unidades de moradia 06 e 07 – Rua da Santa Cruz, N° 92 e 100; (c) Planta baixa da unidade 06; (d) Planta baixa da unidade 07 (e) e (f) Área e paginação da coleta da unidade 06; (g) e (h) Área e paginação da coleta da unidade 07. Fonte: Arquivo pessoal, 2019

A fachada da unidade 06 possui apenas uma porta central em formato retangular, sem moldura, com um arco que abriga abaixo o nome de “Varejão Santa Ana”. Este nome, assim como sua planta baixa, ver figura 6 está associado à função da unidade até o século XX. Sua fachada também apresenta *sanca* e platibanda, tendo esta, como

elementos decorativos a cartela e os motivos florais. A unidade também apresenta degrau e base em cantaria, revelando um status econômico mais elevado.

Já a fachada da unidade 07 apresentou uma porta central e uma janela a cada lado, compondo então uma variação entre a morada inteira e a meia morada, possuindo elementos decorativos florais na platibanda, também possui *sanca*, e suas janelas e porta possui molduras em massa argamassada. A unidade 07 possui uma de suas janelas transformada em porta, tal fato pode orientar que a função desta unidade foi por fim, o mesmo da unidade 06, o comércio, até ambas entrarem em estado de ruína a qual esta representada nas Figuras 8a e 8b.

A paginação da unidade 06 apresenta-se sob a forma de aparelho flamengo com amarração em cruz, ver figura 8e e 8f, e foi comumente usada desde o século XVIII até o século XX, assemelhando-se a unidade 01. Entretanto, a unidade 07 apresenta paginação diferente, seu aparelho foi identificado como isódomo, com amarração em cruz, com fiadas regulares de tijolos assentados sobre uma fina camada de argamassa, ambas conforme a figura 8g e 8h, comumente utilizada até o século XVIII, assemelhando-se as unidades 03 e 05.

6. Considerações Finais

A partir deste trabalho foi possível identificar uma variedade entre os estilos arquitetônicos, modelos construtivos, já sendo possível visualizar variações na espacialidade e divisão dos cômodos, riqueza de elementos construtivos e alguns diferindo das plantas descritas por Santos (2019, pp. 79-83), mostrando que estas unidades representam um processo de transição entre a influência construtiva europeia a

formação da identidade construtiva do Recife, a qual ocorre de forma eclética adaptada às necessidades do construtor e a disposição de espaço, condições financeiras e gosto dos proprietários.

Fica evidente, que com o crescimento das cidades, terem um sobrado bem edificado era motivo de status entre os sociais, estando sempre em atualidade com os estilos europeus. Era o início da possibilidade de emergentes econômicos poderem igualar-se aos nobres e burgueses, erguendo seus sobrados, iniciando uma rivalidade de ostentação construtiva, em menor espaço, conforme autores como Freire (2003, pp.12-13) já tinham observado.

Por tanto, as moradias urbanas passaram a se diferenciar em pavimentos, modelos, estilos, material construtivo, ornamentos, constituindo diversos tipos que caracterizam as tentativas de separação de classes sociais em um espaço curto de aproximação e ao mesmo tempo de distanciamento entre as pessoas.

Por fim é possível perceber de fato que a moradia é o reflexo de seus proprietários, de suas condições econômicas e das matérias primas e condições ambientais disponíveis conforme o período na qual foi edificada, tornando-se, portanto, um símbolo único de identidade do investidor, do trabalhador, da cultura originária, do período histórico e da cultura na qual está introduzido.

Todo este patrimônio, junto á diversas outras unidades residenciais, são reconhecidas pela população como Bens Culturais, as quais apresentam atualmente péssimas condições estruturais. A situação que este acervo se encontra é de desabamento, incêndio, invasão e abandono. O desconforto dos moradores e comerciantes está presente de forma perceptível em diversas reportagens locais. Estas construções remontam a História de uma cidade reconhecida como parte da história e da

cultura de um país, portanto a pesquisa destacou a importância destas construções e a variação cultural presentes nestas.

Referencias

- Albertí, A. V. (2015). Migraciones temporarias, ciclos laborales y estrategias de reproducción social: El caso de las unidades domésticas del área rural de Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina). In *Mundo Agrario*. Saavedra, Dezembro, 16-33. ISSN 1515-5994.
- Amaro, G. D. C. (2013). Da Matéria à Materialidade: breves reflexões sobre a relação da Arqueologia com a Cultura Material. In *Opinião*. Santiago, vol. 2, 21-27.
- Barreto, M. Á., Benítez, M. A. & Puntel, M. L. (2015). Vivienda social y estrategias de sobrevivencia. Soluciones adecuadas a partir de un estudio de caso (Resistencia, Argentina, 2013). In *INVI*. Santiago, vol. 30, Agosto, 19-57.
- Cardoso, R. F. (2017). *Neoclassicismo na arquitetura portuguesa: estudo de referências arquitetônicas para a o classicismo imperial em Belém*. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Cavalcanti, V. B. (2009). *Recife do Corpo Santo*. Recife: Edições Bagaço, 2ª. ed.
- Fabris, A. (1993). Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 1, 131-307.
- Feely, A. (2013). Los modos de hacer vasijas: elecciones técnicas y estilos tecnológicos del oeste. In Ratto, N. (Ed.) *Delineando Prácticas de la Gente del Pasado. Los Procesos Sociohistóricos*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 69-130.
- Freire, G. (2003). *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Global, 2ª. ed.

- Gama, R. (1987). *A tecnologia e o trabalho na História*. São Paulo: EDUSP.
- Gheno, D. & Machado, N. (2013). Arqueologia Histórica: Abordagens. In *História: Questões & Debates*. Curitiba. Janeiro, 161-183.
- Hansen, J. A. (2016). *Barroco, neobarroco e outras ruínas*. Universidade de São Paulo. Recife.
- Lannes, S. B. D. (2013). *A Formação do Império Árabe-Islâmico: História e Interpretações*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Marcelo, D. M. (2007). *Classicismo, coordenação modular e habitação*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Prefeitura da Cidade do Recife (2015). *Boa Vista. Prefeitura da Cidade do Recife*. <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/boa-vista> [Consultado a 07 Novembro 2018].
- Pereira, M. C. C. L. (2005). *O Neomanuelino no Brasil: a identificação de um estilo através das suas instituições. Os gabinetes portugueses de leitura*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Pereira, M. C. C. L. (2011). O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: Sobre Anacronismo e Obsessões. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: [s.n.].
- Sabatini, G. & Garate, E. (2017). Espacialidad y materialidad de un conjunto de unidades domésticas tempranas -CA. 300-600 D.C.- de Anillaco (La Rioja, Argentina). In *Comechingonia: Revista de Arqueologia*. Córdoba, vol. 21, Fevereiro, 99-122. ISSN 03267911.

- Silva, J. B. D. & Castanheira, M. Z. (2013). *Entre Classicismo e Romantismo: Ensaaios de Cultura e Literatura*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Centro de Extensão, Treinamento e Aperfeiçoamento Profissional.
- Sousa, A. (1999). *O classicismo arquitetônico no Recife imperial*. João Pessoa: JFC Hominem Evehere.
- Tavares, F. M. (1998). *Dicionário da Construção Cívil*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1-39.
- Telles, A. C. D .S. et al. (1975). *Arquitetura Civil II*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – Ministério da Educação – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 2.
- Tirello, R. A. (2007 Abril). *A arqueologia da arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos*. São Paulo: Centro de Preservação Cultural – Universidade de São Paulo, vol. 3, 145-165.
- Wolff, J. (2012). O Neobarroco Segundo Severo Sarduy*. In *Landa*. Florianópolis, Janeiro, 1-15.
- Zandonaidi, J. C. (2016). *Renascença e história da ciência: Uma análise comparativa de tendências historiográficas e a contribuição de Antonio Beltrán*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Zorraquino, L. D. (2006). *A evolução da casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1-67.

